

O IDEAL MODERNO CONTRA AS ESPÉCIES COMPANHEIRAS: ANALISANDO O CASO DO POMBAL DA PRAÇA DOS TRÊS PODERES

THE MODERN IDEAL VERSUS COMPANION SPECIES: ANALYZING THE CASE OF THE DOVECOTE AT THE PRAÇA DOS TRÊS PODERES

EL IDEAL MODERNO CONTRA LAS ESPECIES COMPAÑERAS: UN ANÁLISIS DEL PALOMAR DE LA PLAZA DE LOS TRES PODERES

*Luiz Mors Cabral*¹, *Luisa Signe Couto*²

Resumo

Este artigo investiga o caso do pombal da Praça dos Três Poderes, em Brasília, como ponto de tensão entre o ideal moderno de assepsia urbana, expressado na arquitetura de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, e a persistente presença dos pombos como espécies companheiras. O objetivo é discutir como a instalação do pombal desafia simbolicamente os princípios do urbanismo moderno. A pesquisa adota uma abordagem interdisciplinar, com base em estudos urbanos, arquitetura, história e estudos animais, analisando registros de jornais e bibliografia crítica. Os dados revelam que os pombos, outrora aliados humanos, foram transformados em espectros urbanos a partir da consolidação do projeto modernista. Conclui-se que o pombal representa uma fissura simbólica no discurso racionalista e pode servir como ferramenta pedagógica para o ensino das epistemologias contemporâneas, que reconhecem a coabitação interespecie no espaço urbano.

Palavras-chave: espécies companheiras, arquitetura moderna, pombos, Donna Haraway, urbanismo, Brasília.

Abstract

This article investigates the case of the pigeon coop in the Praça dos Três Poderes, in Brasília, as a point of tension between the modern ideal of urban cleanliness, expressed in the architecture of Oscar Niemeyer and Lúcio Costa, and the persistent presence of pigeons as companion species. The aim is to discuss how the installation of the pigeon coop symbolically challenges the principles of modern urbanism. The research adopts an interdisciplinary approach, based on urban studies, architecture, history, and animal studies, analyzing newspaper records and critical bibliography. The data reveal that pigeons, once human allies, have been transformed into urban specters since the consolidation of the modernist project. It is concluded that the pigeon coop represents a symbolic fissure in the rationalist discourse and can serve as a pedagogical tool for teaching contemporary epistemologies that recognize interspecies cohabitation in urban space.

Keywords: companion species, modern architecture, pigeons, Donna Haraway, urbanism, Brasília.

Resumen

Este artículo investiga el caso del palomar de la Plaza de los Tres Poderes, en Brasília, como punto de tensión entre el ideal moderno de aséptica urbana, expresado en la arquitectura de Oscar Niemeyer y Lúcio Costa, y la persistente presencia de las palomas como especies compañeras. El objetivo es discutir cómo la instalación del palomar desafía simbólicamente los principios del urbanismo moderno. La investigación adopta un enfoque interdisciplinario, basado en estudios urbanos, arquitectura, historia y estudios animales, analizando registros de periódicos y bibliografía crítica. Los datos revelan que las palomas, alguna vez aliadas de los humanos, se han transformado en espectros urbanos a partir de la consolidación del proyecto modernista. Se concluye que el palomar representa una fisura simbólica en el discurso racionalista y puede servir como herramienta pedagógica para la enseñanza de las epistemologías contemporâneas, que reconocen la cohabitación inter-especie en el espacio urbano.

Palabras clave: especies compañeras, arquitectura moderna, palomas, Donna Haraway, urbanismo, Brasília.

¹ Departamento de Biologia Celular e Molecular. Instituto de Biologia. Universidade Federal Fluminense - UFF, Niterói, RJ, Brasil. E-mail: luizmors@id.uff.br

² Departamento de Biologia Celular e Molecular. Instituto de Biologia. Universidade Federal Fluminense - UFF, Niterói, RJ, Brasil. E-mail: luisasigne@id.uff.br

1. Introdução

O ensino das ciências biológicas, assim como o das demais ciências ditas “duras”, costuma se pautar por epistemologias oriundas da tradição moderna ocidental, com ênfase na objetividade, na universalidade e na neutralidade do conhecimento científico (Latour & Woolgar, 1986). A figura do cientista como observador imparcial, a separação entre sujeito e objeto e a crença na mensurabilidade do mundo constituem pilares dessa tradição (Harding, 1991). Os currículos dos cursos de ciências biológicas tendem a reforçar essa visão desde os primeiros períodos, criando uma espécie de “alfabetização epistêmica” que naturaliza certos modos de conhecer e exclui outros, rotulando-os como irrelevantes ou “não científicos”.

Esse paradigma, embora dominante, tem sido criticado por autoras e autores que propõem abordagens situadas, pós-humanistas e decoloniais. Introduzir esses referenciais em currículos rigidamente ancorados na epistemologia positivista representa um desafio de ordem pedagógica, política e especialmente ontológica, pois leva os estudantes a novas compreensões do que é ciência. Acostumados a pensar na ciência como um espelho do real, é comum que eles se sintam desorientados diante dessas novas propostas epistemológicas que reconhecem a implicação do observador e a impossibilidade de uma neutralidade total ou que defendem que os próprios objetos científicos são parcialmente construídos pelas práticas que os produzem. Isso pode parecer, para estudantes acostumados ao modelo tradicional, como uma ameaça à própria ideia de ciência.

Inspirando-se na teoria das espécies companheiras de Donna Haraway (2003), e em seu conceito de “alteridade significativa”, aquela que se produz e se transforma no contato e no cuidado entre humanos e não humanos, este artigo propõe uma análise da construção do pombal da Praça dos Três Poderes como síntese de um embate simbólico entre a modernidade e a ecologia das relações interespecie. Propomos que a construção do pombal seja utilizada como exemplo das tensões nas relações interespecie no antropoceno, convertendo-se em uma ferramenta para o ensino e discussão, em sala de aula, dessas novas epistemologias.

2. Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa caracteriza-se como uma análise documental de base histórico-interpretativa, articulada a um ensaio teórico interdisciplinar que combina estudos urbanos, história da arquitetura moderna brasileira, antropologia multiespecie e estudos animais. A escolha dessa abordagem deriva do caráter simbólico e epistemológico do caso analisado: o pombal da Praça dos Três Poderes, cuja interpretação demanda tanto reconstrução histórica quanto articulação conceitual.

O corpus documental utilizado foi composto por notícias, reportagens, notas e crônicas publicadas em jornais brasileiros entre as décadas de 1950 e 1960, período que abrange (1) a

concepção e construção de Brasília; (2) a solicitação de Eloá Quadros para a instalação do pombal; (3) as reações públicas e midiáticas à construção do Pombal; (4) a transformação do imaginário sobre os pombos.

O levantamento foi realizado na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, utilizando as seguintes palavras-chave, isoladas ou combinadas: *pombal*, *pombos*, *Brasília*, *Praça dos Três Poderes*, *Niemeyer*, *Lúcio Costa*, *Eloá Quadros*. Os resultados foram refinados por meio dos seguintes critérios de inclusão: menção direta ao pombal de Brasília ou à presença de pombos na cidade recém-inaugurada; relação explícita com debates sobre urbanismo, arquitetura, modernidade, higiene, saúde ou convivência animal; potencial de revelar tensões entre o projeto moderno e a presença dos pombos; relevância histórica para compreender mudanças na percepção pública dessas aves. Foram excluídos textos sem relação direta com o pombal ou com a simbologia urbana dos pombos, ou que apenas mencionavam pombos de modo incidental ou irrelevante para a análise.

O material selecionado foi examinado não apenas como registro factual, mas como construção discursiva que expressa valores, hierarquias, modos de imaginar o espaço urbano e categorias morais atribuídas aos animais. Essa leitura documental foi integrada à discussão teórica, especialmente às contribuições de Donna Haraway sobre espécies companheiras, bem como aos estudos de arquitetura moderna e às críticas ao ideal urbanístico moderno.

3. Resultados

3.1 O pombal da Praça dos Três Poderes

A Praça dos Três Poderes, em Brasília, é o palco de um dos episódios mais curiosos e simbólicos da história urbana brasileira: a instalação de um pombal em meio ao coração do poder político nacional. Concebido por Oscar Niemeyer sob pressão da então primeira-dama Eloá Quadros, o pombal representou uma interferência concreta no ideário estético e simbólico do modernismo brasileiro. Mais que um elemento arquitetônico, trata-se de um artefato de tensão entre diferentes visões de mundo: de um lado, o desejo de assepsia, ordem e monumentalidade que caracteriza a cidade moderna; de outro, a insistente presença dos pombos, aves historicamente vinculadas à vida urbana e à convivência multiespécie.

Durante séculos, os pombos foram considerados aliados próximos dos humanos. Criados por sua carne, excremento (usado como fertilizante) e sobretudo por sua capacidade de orientação, foram fundamentais como mensageiros em tempos de guerra e como forma de comunicação antes das ferramentas modernas de telefonia. Nos centros urbanos europeus, a presença dos pombos estava associada à vitalidade das praças públicas. Ao redor do mundo, a imagem do indivíduo alimentando pombos era a síntese de uma vida tranquila, longe de preocupações. No entanto, nas últimas décadas, observa-se uma reconfiguração simbólica: os pombos passaram de “animais de alguém” a “animais de ninguém”, em um processo

progressivo de abandono institucional e afetivo. Tornaram-se “espectros urbanos”, sempre presentes, mas invisibilizados, ignorados, tratados como pragas ou resíduos (Despret, 2013).

3.2 *O ideal moderno e a cidade monumental*

O projeto moderno, sobretudo a partir do Iluminismo, é marcado pela consolidação de uma visão de mundo centrada no antropocentrismo e no racionalismo. A modernidade ocidental estabelece uma separação ontológica entre a cultura (atributo humano) e a natureza (reino dos animais, plantas e demais elementos naturais). Essa cisão funda a base filosófica, científica e técnica da modernidade. O mundo passa a ser dividido em domínios: o espaço dos seres humanos, associado à ordem, à razão e ao progresso; e o espaço da natureza, a ser dominado, controlado ou afastado, especialmente quando não é produtivo. Animais deixam de ser compreendidos como coabitantes e passam a ser classificados funcionalmente, como força de trabalho (animais de tração), fonte de alimento, animais de companhia ou como pragas.

Um dos aspectos da redefinição dos papéis dos animais na modernidade se manifesta na arquitetura. A construção de Brasília, inaugurada em 1960, representa uma síntese emblemática do urbanismo moderno. Entre as muitas influências que moldaram seu projeto, destaca-se o impacto da Carta de Atenas, redigida em 1932 pelos membros da CIAM (*Congrès Internationaux d'Architecture Moderne*). O documento, também conhecido como “Carta dos CIAM para a Habitação”, sintetizava princípios fundamentais do urbanismo moderno, incluindo a funcionalização do espaço urbano, a separação de usos e, especialmente, uma nova abordagem da relação entre cidade e natureza (Le Corbusier, 1989).

A Carta de Atenas propunha um rompimento com o modelo tradicional de cidade compacta, defendendo a dispersão das edificações e a valorização da luz solar, da ventilação e das áreas verdes. Nesse sentido, a cidade moderna deveria ser planejada em função de princípios científicos e funcionais, promovendo o bem-estar coletivo por meio de uma integração controlada com o ambiente natural (Mumford, 2007). A cidade moderna é pensada como uma máquina de morar, racional, eficiente, funcional e higiênica. Para esse objetivo, os elementos naturais, incluindo animais, são vistos como componentes que devem ser utilizados de forma planejada dentro da cidade. Não se trata necessariamente de expulsá-los, mas, sim, de controlá-los. Jardins e lagos são planejados e os animais devem ser excluídos dos espaços centrais. Só permanecem os domesticados (essencialmente cães e gatos) em espaços privados e, de modo muito restrito, em parques.

Brasília, concebida por Lúcio Costa e projetada por Oscar Niemeyer, é um dos exemplos mais claros da aplicação desses ideais no contexto latino-americano. O Plano Piloto de Lúcio Costa foi inspirado diretamente pelas concepções modernistas discutidas nos CIAM, sobretudo pela ideia da cidade funcional, organizada segundo as quatro funções urbanas básicas: habitar, trabalhar, circular e recrear (Costa, 1991). O traçado da cidade em forma de cruz ou avião, com setores claramente definidos, reflete essa lógica funcionalista e a Praça dos Três Poderes, ponto

focal do projeto, foi concebida como espaço “seco” e puro, em que a monumentalidade dos edifícios representaria a harmonia entre os poderes da República (Rolnik, 1989).

Os edifícios residenciais nas superquadras são elevados sobre pilotis, permitindo a continuidade do solo natural e criando uma paisagem urbana permeável, pela qual o cidadão é convidado a transitar. A proposta de Costa visava preservar a topografia e a vegetação do cerrado, permitindo que a natureza não fosse apenas um cenário, mas uma parte ativa do cotidiano urbano (Holston, 1989). Além disso, a grande escala do plano e os amplos espaços livres demonstram a tentativa de estabelecer uma nova sintonia entre o ambiente construído e o meio natural. As avenidas largas e os eixos verdes entre os blocos residenciais refletem a crença modernista de que a natureza podia ser domesticada e organizada para servir aos propósitos racionais da cidade (Gehl, 2010).

3.3 A intervenção de Eloá Quadros

Em 1961, a primeira-dama Eloá Quadros, esposa de Jânio Quadros, enviou uma carta a Oscar Niemeyer solicitando a construção de um pombal na Praça dos Três Poderes. Inspirada por modelos europeus, especialmente pela Praça de São Pedro no Vaticano, Eloá defendia que toda grande praça deveria ter pombos. A demanda, aparentemente trivial, gerou desconforto tanto em Niemeyer quanto em Lúcio Costa, que viam na ideia um risco à integridade visual e conceitual do projeto da Praça. Para Niemeyer, a estética modernista implicava a eliminação do supérfluo e do ornamental. A introdução de elementos vivos e não controláveis, como os pombos, era vista como um desvio desse ideal. Lúcio Costa manifestou-se contrário à inserção da escultura no local, alegando que sua presença comprometia a pureza e o equilíbrio compositivo da praça. Em sua visão, a Praça dos Três Poderes deveria ser um espaço limpo, onde os edifícios se expressariam com clareza monumental, sem interferências que pudessem competir com a arquitetura de Oscar Niemeyer (Costa, 1991). Para Costa, a praça era mais do que um espaço físico; era uma representação simbólica do poder republicano e da ordem racional moderna. De toda forma, a presença animal era um incômodo para o discurso de assepsia e controle do espaço urbano (Holston, 1989).

É possível acompanhar a disputa através dos jornais da época. Ao longo do ano de 1961, o jornal *Correio Braziliense* noticiou o pedido feito pela Primeira Dama e acompanhou sua construção. Na edição de quinta-feira, 30 de março, pela primeira vez o assunto é tratado (Pombal, 1961a) e, na edição de 11 de abril, ficamos sabendo que Niemeyer apresentou seu projeto ao prefeito de Brasília, Paulo de Tarso (Figura 1) (Projeto, 1961). A contrariedade dos arquitetos, que conhecemos através dos estudos de Fonseca (2003), ou da biografia de Lúcio Costa (1991) é ignorada pelo jornal, que publica notícias bastante positivas à instalação do pombal. A edição de 13 de agosto de 1961 assegura que os pombos “darão novas cores à praça” (Pombal, 1961b) e a edição 401 que os pombos “quebrarão a melancolia da praça” (Sociais, 1961). Não deixa de haver, nessas notícias elogiosas à ideia da instalação do pombal, uma crítica ao plano modernista da cidade, uma vez que Brasília havia sido inaugurada um ano antes, e já eram necessárias novas cores para quebrar a melancolia de sua praça central.

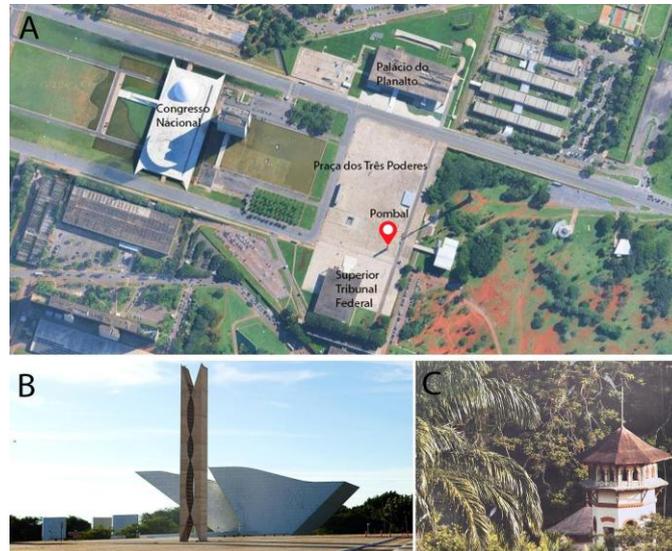
Figura 1: Notícias de 1961, acompanhando a construção do pombal na Praça dos Três Poderes.



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

A tensão foi resolvida com a vitória de Dona Eloá. A crônica política da época diz que um desejo da primeira dama era ordem para Jânio Quadros, e Niemeyer teve que resignar-se à construção de uma escultura de concreto, com cerca de 25 metros, projetada para servir como abrigo para os pombos no meio da praça que havia sido originalmente pensada para receber os poderes máximos da república (Figura 2A). A estrutura, apesar de atender à demanda da primeira-dama, carrega em si a ironia do arquiteto, que a concebeu de forma ambígua e desconectada do restante do conjunto (Fonseca, 2003). De fato, o pombal desenhado por Niemeyer em nada se parece com um pombal tradicional (Figura 2B). Pombais costumam ser edificações parecidas com pequenas casas, dotadas de diversos nichos para serem ocupados pelos pombos. Qualquer comparação entre o pombal desenhado por Niemeyer com outros pombais causa estranheza pela forma escolhida pelo arquiteto brasileiro. Tomemos como exemplo o pombal da Fundação Oswaldo Cruz (Figura 2C), parte do conjunto histórico de construções da Fundação, que inclui o icônico castelo em estilo Mourisco. O pombal foi inaugurado em 1907, no centro do biotério de pequenos animais. Nele, eram mantidos os pombos correio que facilitavam a comunicação entre a Fundação e a Diretoria Geral de Saúde Pública, que se localizava no centro do Rio de Janeiro. Ali não existe qualquer tentativa em esconder a função da estrutura. Já a escultura de Niemeyer é composta por dois elementos verticais e paralelos, unidos por uma peça transversal em sua parte superior, evocando exatamente o formato de um pregador de roupas. Essa analogia visual imediata, somada ao fato de a função original da peça (abrigar pombos) ser pouco conhecida pela maioria dos visitantes e moradores, fez com que o apelido de Pregador se tornasse amplamente difundido entre os brasilienses (Rolnik, 1989). A construção do pombal foi a primeira adição à Praça dos Três Poderes e a única feita durante a curta presidência de Jânio Quadros (IPHAN, 2025).

Figura 2: Local de construção do pombal da Praça dos Três Poderes (A), apelidado pela população de “Pregador” (B), e o pombal da Fundação Oswaldo Cruz (C).



Fonte: Imagem do pombal da praça dos Três Poderes sob a licença Creative Commons. Imagem da praça adaptada à partir do google maps. A imagem do pombal da Fundação Oswaldo Cruz pertence ao arquivo pessoal.

3.4 Pombos, de espécie companheira à animal pária

A construção do pombal na Praça dos Três Poderes marca um ponto de inflexão simbólica. A decisão de incluir um espaço dedicado aos pombos em meio ao centro monumental do poder republicano brasileiro implicava não apenas uma concessão estética por parte de Lúcio Costa e Niemeyer, mas também o reconhecimento da existência de vínculos afetivos e culturais com essas aves.

A arquitetura modernista de Brasília, com sua ênfase na abstração, monumentalidade e assepsia visual, visava excluir a desordem associada à vida cotidiana e à natureza urbana. Nesse sentido, os pombos simbolizam o que o projeto moderno buscava evitar: a presença do imprevisto, do orgânico, da convivência com formas de vida que não se submetem ao controle racionalista do espaço. Mas não se pode se livrar de uma espécie companheira desta forma e com essa rapidez. O que o ideal modernista pretendia era ignorar o papel histórico e relacional dos pombos na formação das cidades e nas suas relações com a humanidade.

Os pombos modernos que vimos proliferar nos espaços urbanos em todo o mundo descendem da pomba-das-rochas (*Columba livia*). Eles têm uma história longa e variada, profundamente entrelaçada com os humanos. Estima-se que a domesticação dos pombos a partir de seu ancestral selvagem, a pomba-das-rochas, tenha começado há pelo menos 10.000 anos, tornando-a a ave domesticada mais antiga que existe. Acredita-se que a domesticação tenha ocorrido como resultado da atração dos pombos pela agricultura humana, particularmente pelo cultivo de grãos. Os pombos-das-rochas são habitantes de penhascos, que fazem seus ninhos em pequenas reentrâncias ou cavernas. Os assentamentos humanos, com suas construções, se tornaram naturalmente uma nova possibilidade para os pombos, com uma grande quantidade

de locais aptos a receber uma família dentro das moradias de lama e argila, além das fontes de alimento que a proximidade com os humanos oferece. Sua presença dentro e perto de assentamentos humanos, bem como sua relativa falta de medo deles é o que alguns estudiosos acreditam ter levado à domesticação. Por volta de 8.000 a.C., os humanos começaram a capturá-los e mantê-los em pombais como uma fonte de alimento de fácil acesso e também pelas suas fezes ricas em nutrientes ou guano, que era usado para fertilizar campos agrícolas (Blechman 2006; Jerolmack 2007). No entanto, sua relação com os humanos evoluiu para além do mero sustento quando suas habilidades inatas de orientação foram descobertas.

Essa habilidade inata de orientação é talvez um dos atributos mais singulares e fascinantes da fisiologia dos pombos. Ela tem sido estudada com profundidade, mas ainda não existe uma resposta definitiva sobre como os pombos conseguem se orientar com tanta eficiência. O termo em inglês para essa habilidade é “*homing*”, que pode ser traduzido como “retorno à casa”. É interessante a escolha deste termo, que parte da convicção de que pombos e humanos dividem o mesmo lar, a mesma casa. É uma terminologia que reconhece a relação de proximidade entre as duas espécies e um comportamento que compreende não apenas habilidades de mapeamento complexas, mas também o envolvimento afetivo desses animais aos seus lares.

Aparentemente, a capacidade de mapeamento está associada a três habilidades principais, utilizadas em conjunto para incrementar sua capacidade de localização e retorno. Uma dessas habilidades é a sensibilidade aos campos magnéticos da Terra. Ela parece ser bastante dependente do hipocampo, que apresenta até mesmo um aumento de tamanho associado ao ganho de experiência na navegação (Cnotka et al, 2008). Esse mecanismo também é associado ao nervo trigêmeo dessas aves, que, ao ser cortado, interrompe completamente a capacidade de reconhecer o campo magnético (Mora et al, 2004). Ao longo do ramo oftálmico do nervo trigêmeo, existem pequenos aglomerados de magnetita. Acredita-se que esse cristal, devido a sua característica iônica, pode estar envolvido no reconhecimento do magnetismo terrestre, auxiliando na orientação do animal (Blechman, 2007). A importância do campo magnético fica clara em pesquisas nas quais a criação de um campo magnético artificial ao redor de um pombo resultou em desorientação espacial (Jerolmack, 2013). Além disso, os pombos têm uma capacidade de navegação olfativa muito eficiente, sendo capazes de associar cheiros a diferentes direções. Durante o voo, eles podem armazenar os cheiros, reconhecendo especialmente componentes aromáticos e monoterpenos e compondo um mapa de odor (Allen, 2009; Zannoni et al. 2020). Outro fator importante para o sistema de orientação é o sol, como sugere sua capacidade de ver a luz ultravioleta e sua relutância em voar à noite (Armstrong et al, 2013).

Foi justamente essa habilidade de se orientar no espaço que fez dos pombos grandes aliados dos seres humanos. Se antes eles eram criados principalmente para servir de comida, com o tempo começaram a ter funções bem mais especializadas, se convertendo em mensageiros e guias usados por várias civilizações antigas. Os egípcios já usavam pombos para

levar mensagens ao longo do rio Nilo. Os gregos também confiavam neles para enviar recados entre cidades-estados e até para divulgar os resultados dos primeiros Jogos Olímpicos. Na China, os imperadores se comunicavam com províncias distantes por meio desses animais. Muitos nomes famosos da história também contaram com a ajuda dos pombos: Aníbal, Júlio César e Gengis Khan, que chegou a criar uma rede de pombais que cobria uma parte enorme do mundo conhecido naquela época (Blechman, 2006; Jerolmack, 2007).

Mesmo quando já existiam tecnologias mais modernas de comunicação, como o telégrafo e o telefone, os pombos continuaram sendo úteis. Durante as duas Guerras Mundiais, por exemplo, cabos e linhas telefônicas podiam ser cortados ou interceptados com facilidade. Já os pombos conseguiam atravessar zonas de guerra, fugir de ataques e entregar mensagens importantes. No fim da Primeira Guerra Mundial, só o exército britânico mantinha cerca de 22 mil pombos em atividade, além de pombais móveis e soldados treinados especialmente para cuidar deles (Jerolmack, 2007). Pombos e humanos, portanto, encontraram maneiras de se relacionar, construíram cultura e identidade, moldaram laços culturais interespecie, em uma relação muito interessante, rica e complexa.

Essa relação amistosa pode ser facilmente observada nos jornais brasileiros, onde não é possível encontrar qualquer menção desfavorável aos pombos até 1961. Até então, pombos eram anunciados para venda ou troca; imóveis negociados incluíam pombais como benfeitorias. Esses animais eram sempre vistos como amigos, companheiros e dotados de simbologias positivas. No final dos anos de 1950, surge nas páginas do Jornal do Brasil a simpática figura de “Cachimbo”, o cidadão que, financiado pela secretaria de turismo da cidade, alimentava diariamente os pombos da Cinelândia. Cachimbo cobrava, na edição 262 de 1958, que a verba, até aquele momento repassada de forma extraoficial, se tornasse “de papel passado” (Cachimbo, 1958): havia, portanto, dinheiro público destinado à manutenção dos pombos na Cinelândia. Na edição 83 de 1959, o Jornal do Brasil relata uma redução da verba para a alimentação dos pombos, o que causou comoção entre os cidadãos da capital (Pombos, 1959a). O imbróglio só é definido com a manifestação de uma empresa, a Real Aerovias que, de acordo com a edição 212, de 11 de setembro de 1959, ficaria responsável por complementar a alimentação dos pombos da praça (Figura 3) (Pombos, 1959b). A população carioca era tão simpática à questão dos pombos que alimentá-los trazia propaganda positiva para uma empresa privada.

Figura 3: Pombos eram benquistos pela população.



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Outro exemplo interessante de como os pombos eram benquistos é o papel de embaixadores, elementos das relações diplomáticas entre a cidade do Rio de Janeiro e outras metrópoles. Na edição 13 de 1959, o Jornal do Brasil dá a saber que existe um plano de efetuar trocas de pombos entre a Cinelândia e outras praças do mundo, “internacionalizando a Cinelândia” (Pombos, 1959c). Já haviam pombos trocados com a Praça de São Marcos, em Veneza, e com a Praça Macuto, na Venezuela. Em breve, a Cinelândia enviaria um casal de pombos para serem soltos em Lisboa (Figura 4). Estes levaram, amarrados em suas pernas, mensagens comemorativas para celebrar o Sete de Setembro (Brasil, 1959).

Figura 4: Pombos eram trocados entre praças e cidades, efetuando papel diplomático.



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Mas no início da década de 1960, começam a aparecer nos jornais, de uma forma cada vez mais frequente, notícias negativas relacionadas aos pombos (Figura 5). Na quinta-feira, dia 3 de agosto de 1961, na edição de número 180, uma nota intitulada “Pombos são bonitos, mas saiam de baixo” repercute uma pesquisa feita por microbiologistas de Nova Iorque, que concluiu que as fezes de pombos são disseminadoras de importantes doenças, inclusive a “meningite micótica — doença cerebral da qual ninguém escapa” (Pombos, 1961a). É a primeira de uma série de notícias desabonadoras para os pombos. Na edição 200 de 1961, o Jornal do Brasil traz uma notícia sobre os estragos que os pombos fazem, sujando as janelas do Museu do Louvre (Vidros, 1961). E, na edição 282, uma notícia mostra a revolta de moradores com um vizinho que cria pombos no Leblon (Pombos, 1961b).

Figura 5: A partir de 1961 começam a aparecer notícias desabonadoras aos pombos.



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

O aparecimento das primeiras notícias desabonadoras aos pombos na imprensa brasileira ocorre de forma concomitante à chegada definitiva dos princípios modernistas ao dia-a-dia do brasileiro. A construção de Brasília é o ápice do modernismo do país e trouxe para o noticiário, para as conversas informais e para a subjetividade da população seus princípios filosóficos e estéticos. Pombos não foram transformados de espécies companheiras a animais indesejados da noite para o dia. Sua transformação em “espectros urbanos” — expressão que

aqui utilizamos para designar uma forma de presença que persiste à revelia da valorização cultural — resulta de um processo de invisibilização gradual, mas que só pode ocorrer no contexto da massificação dos ideais modernistas.

É o início da ruptura entre pombos e humanos e da disseminação da percepção de que esta é uma espécie a ser evitada. Essa percepção se traduziu, inclusive, em esforços arquitetônicos voltados à exclusão sistemática dos pombos do espaço urbano. Estudos como o de Haag-Wackernagel e Geigenfeind (2008) exemplificam essa tendência ao propor soluções construtivas que tornam fachadas, telhados e estruturas públicas inóspitas à presença dessas aves. A cidade, nesse modelo, deve ser desenhada não apenas a favor dos humanos, mas também contra os pombos, como se a arquitetura pudesse se tornar imune à alteridade animal.

Foi ao longo da implementação do “ideal moderno” que, de companheiros úteis e celebrados, os pombos foram se tornando “animais de ninguém”, apartados dos laços de cuidado, afeto e reconhecimento institucional que outrora os integravam ao cotidiano urbano (Despret, 2021; Haraway, 2008). Sua proliferação nas cidades é frequentemente entendida como um sintoma de decadência urbana, como se a sua presença denunciasses o fracasso da limpeza e da ordem pretendidas. Esse processo de afastamento não se deu somente no Brasil e processos similares podem ser identificados em outras partes do mundo, com a problematização dos pombos associada às subjetividades trazidas pela implementação do projeto modernista (Latour, 1993).

Neste contexto, o pombal da Praça dos Três Poderes assume uma dupla função simbólica. Por um lado, desafia a lógica do urbanismo higienista ao reconhecer e legitimar a presença de uma espécie historicamente relacional. Por outro, evidencia a ambivalência do gesto modernista: ao mesmo tempo em que permite a presença dos pombos, tenta confiná-los a um espaço delimitado, controlado, estetizado. Essa tentativa de controle revela-se infrutífera, já que os pombos não se restringem ao pombal, tampouco seguem os limites impostos. Eles reaparecem nos monumentos, sobrevoam as estátuas, caminham entre cidadãos e turistas e se integram, à sua maneira, à coreografia da Praça.

Ao instalar-se no coração monumental da cidade moderna, os pombos subvertem a lógica do controle urbano. Eles expõem as fissuras do projeto modernista, mostrando que a cidade não pode ser totalmente regulada, que a vida insiste em escapar aos limites da planta racional. Nesse contexto, os pombos funcionam como espécies companheiras involuntárias: rejeitadas, mas inescapáveis; indesejadas, mas persistentes, e se enquadram na noção de espécie feral, proposta por Haraway (2016), que descreve organismos que escapam às classificações fixas de domesticado e selvagem, produzindo formas de convivência e fricção. Os pombos de Brasília constituem um exemplo claro deste estatuto. Introduzidos como ornamentação simbólica, rapidamente tornaram-se habitantes irredutíveis da paisagem urbana, negociando com humanos e arquiteturas modos de viver que excedem as intenções do projeto modernista.

A presença resiliente dos pombos, mesmo diante do projeto de assepsia modernista, evidencia aquilo que Haraway nomeia como “alteridade significativa”: uma alteridade que se constitui na coabitação. Os pombos não são apenas invasores, são companheiros que forjam,

com os humanos, modos de habitar, narrar e reconfigurar o espaço urbano. O pombal, nesse sentido, pode ser lido como um monumento à inevitabilidade das relações multiespécie e à necessidade de se repensar nos limites da cidade moderna à luz de uma ética da convivência.

4. Considerações finais

Ensinar novas epistemologias nos cursos de ciências biológicas representa a oportunidade de formar cientistas mais conscientes e mais abertos a um diálogo entre saberes. Apesar dos desafios, é necessário promover práticas pedagógicas que exponham os estudantes a diferentes modos de produção de conhecimento. Isso não implica renunciar aos fundamentos da biologia, mas complexificá-los, reconhecendo que ciência é também uma prática situada, historicamente condicionada e politicamente implicada (Stengers, 2018).

O caso do pombal da Praça dos Três Poderes revela como o espaço urbano é também palco de disputas simbólicas sobre quem tem o direito de ocupar o espaço e sobre como lidamos com o que escapa ao controle. A resiliência dos pombos e a permanência do pombal apontam para a importância de se repensar a cidade como ecossistema, e não apenas como artefato humano. Voltar a enxergar os pombos como espécies companheiras é também um gesto político: uma recusa ao ideal de pureza urbana e uma abertura à convivência com a alteridade animal. A construção do pombal é ainda mais impactante quando lembramos que, na sua inauguração, Brasília não tinha pombos. Presentes junto a ambientes urbanos, eles não haviam ainda chegado à cidade recém-construída. O pombal erguido foi abastecido com pelo menos mil pombos “importados” de cidades dos arredores (Pombal, 1962). Assim, o pombal é um convite à convivência entre homens e pombos, exatamente no momento em que o ideal moderno se instalava no Brasil.

Nesse contexto, o conceito de “alteridade significativa” proposto por Haraway torna-se central para interpretar a presença dos pombos em meio ao monumentalismo de Brasília. Essa alteridade, construída na fricção cotidiana entre humanos e aves, rompe com a lógica do controle absoluto e convida a uma ética do cuidado, da escuta e da coabitação. Os pombos, que ao longo da história transitaram de espécie companheira para se tornarem pragas urbanas, encarnam as ambivalências do ambiente urbano moderno e a urgência de imaginar outras formas de pertencimento e de partilha do mundo.

O pombal, como artefato físico e simbólico, oferece uma lição valiosa e pode se converter em uma ferramenta importante para apresentar estudantes às novas epistemologias, como a de Donna Haraway. O pombal nos permite abordar conceitos e questionar dicotomias, como as relações entre natureza e cultura, humano e não humano, ao mostrar que a cidade não se faz apenas com concreto e razão, mas também com encontros, afetos e alteridades, humanas e não humanas.

Referências

ALLEN, Barbara. **Pigeon**. London: Reaktion Books, 2009.

ARMSTRONG, Chris; WILKINSON, Helen; MEADE, Jessica; BIRO, Dora; FREEMAN, Robin; GUILFORD, Tim. Homing Pigeons Respond to Time-Compensated Solar Cues Even in Sight of the Loft. **PLOS.One**. Maio, 2013. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0063130>. Acesso em: 08 jul. 2025.

BLECHMAN, Andrew. **Pigeons**. New York: Grove Press, 2006.

BLECHMAN, Andrew. **Pigeons: The Fascinating Saga of the World's Most Revered and Reviled Bird**. New York: Grove Press, 2007.

BRASIL e Portugal vão permutar pombos no dia sete de setembro. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 3 set. 1959, p. 7.

CACHIMBO quer verba para pombos “de papel passado”. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 8 nov. 1958, p. 7.

CNOTKA, Julia; MÖHLE, Martin; REHKÄMPER, Gerd. Navigational Experience Affects Hippocampus Size in Homing Pigeons. **Brain, Behavior and Evolution**, v. 72, p. 233-238, Novembro, 2008. Disponível em: <https://karger.com/bbe/article-abstract/72/3/233/46888/Navigational-Experience-Affects-Hippocampus-Size?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 10 jul. 2025.

COSTA, Lúcio. **Registro de uma vivência**. São Paulo: Empresa das Artes, 1991.

DESPRET, Vinciane. **Que diriam os animais? Fábulas científicas**. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **Brasília: arquitetura e utopia**. Brasília: Editora UnB, 2003.

GEHL, Jan. **Cities for people**. Washington: Island Press, 2010.

HAAG-WACKERNAGEL, Daniel.; GEIGENFEIND, Ila. Protecting buildings against feral pigeons. **European Journal of Wildlife Research**, v. 54, n. 4, p. 715–721, 2008.

HARAWAY, Donna. **The companion species manifesto: dogs, people, and significant otherness**. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003.

HARAWAY, Donna. **When species meet**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

HARAWAY, Donna. **Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene**. Durham: Duke University Press, 2016.

HARDING, Sandra. **Whose science? Whose knowledge? Thinking from women's lives.** Ithaca: Cornell University Press, 1991.

HOLSTON, James. **The modernist city: an anthropological critique of Brasília.** Chicago: University of Chicago Press, 1989.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Patrimônio cultural de Brasília.** Disponível em: <https://portal.iphan.gov.br>. Acesso em: 6 jun. 2025.

JEROLMACK, Colin. Animal archeology: domestic pigeons and the nature-culture dialectic. **Qualitative Sociology Review**, v. 3, n. 1, p. 74–95, 2007.

JEROLMACK, Colin. **The Global Pigeon.** Chicago: The University of Chicago Press. 2013.
LATOURE, Bruno; WOOLGAR, Steve. **Laboratory life: the construction of scientific facts.** Princeton: Princeton University Press, 1986.

LATOURE, Bruno. **We Have Never Been Modern.** Cambridge, MA: Harvard University Press. 1993.

LE CORBUSIER, Charles-Édouard Jeanneret-Gris (Org.). **Carta de Atenas.** São Paulo: Hucitec, 1989.

MORA, Cordula V.; DAVISON, Michael; WILD, J. Martin; WALKER, Michael M.; Magnetoreception and its trigeminal mediation in the homing pigeon. **Nature**, v. 432, p. 508–511, Novembro, 2004. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/nature03077>. Acesso em: 11 jul. 2025.

MUMFORD, Eric. **The CIAM discourse on urbanism, 1928–1960.** Cambridge, MA: MIT Press, 2007.

POMBAL na praça dos três poderes. **Correio Brasiliense**, Brasília, 30 mar. 1961a, p. 8.

POMBAL na praça dos três poderes. **Correio Brasiliense**, Brasília, 13 ago. 1961b, p. 1.

POMBAL de Brasília receberá mil aves. **Correio Brasiliense**, Brasília, 5 abr. 1962, p. 8.

POMBOS da praça Macuto, de Caracas, virão para a Cinelândia em abril próximo. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 16 jan. 1959c, p. 11.

POMBOS da Cinelândia em dieta forçada. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 11 abr. 1959a, p. 8.

POMBOS da Cinelândia não vão morrer de fome. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 11 set. 1959b, p. 9.

POMBOS são bonitos, mas saiam de baixo. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 3 ago. 1961a, p. 13.

DOI: 10.46667/renbio.v18inesp1.1931

POMBOS são ameaça no Leblon. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 2 dez. 1961b, p. 8.

PROJETO do pombal. **Correio Brasiliense**, Brasília, 11 abr. 1961, p. 10.

ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei: legislação, políticas urbanas e território na cidade de São Paulo**. São Paulo: Studio Nobel, 1989.

SOCIAIS de Brasília. **Correio Brasiliense**, Brasília, 20 ago. 1961, p. 9.

STENGERS, Isabelle. **Another science is possible: a manifesto for slow science**. Cambridge: Polity Press, 2018.

VIDROS do Louvre. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 26 mar. 1961, p. 8.

ZANNONI, Nora; WIKELSKI, Martin; GAGLIARDO, Anna; RAZA, Atif; KRAMER, Stefan; SEGHETTI, Chiara; WANG, Nijing; EDTBAUER, Achim; WILLIAMS, Jonathan. Identifying volatile organic compounds used for olfactory navigation by homing pigeons. **Scientific reports**, v. 10, Setembro, 2020. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41598-020-72525-2>. Acesso em: 10 jul. 2025.

Recebido em julho de 2025
Aceito em novembro de 2025

Revisão gramatical realizada por: Rita de Cássia da Silva Nogueira
E-mail: ritanogueira@id.uff.br